

PROCESSOS GRUPAIS NO LUTO POR COVID-19: UM OLHAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Group processes in mourning for COVID-19: A look at human development

Procesos grupales en el duelo por Covid-19: Una mirada sobre el desarrollo humano

Processus de groupe dans le deuil du COVID-19 : Un regard sur le développement humain

10.5020/23590777.rs.v23iEsp. 1.e12948

Silvia Renata Lordello

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB) Psicóloga, mestra em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB) e Pedagoga. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura e da graduação em Psicologia na Universidade de Brasília (UnB).

Acileide Cristiane Fernandes Coelho

Psicóloga, pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda do Programa de Pós-graduação de Psicologia clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Psicodrama Clínico e Socioeducacional pelo Interpsi - Centro de Psicodrama de Brasília e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CPB/PUCGO). Psicodramatista Didata pela Associação Brasileira de Psicodrama (ABP).

Aline Rose Inácio Pinho

Mestre e Doutoranda do Programa de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). Psicóloga e Especialista em Assistência Social.

Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência sobre grupos com pessoas enlutadas pela perda de familiares vítimas da covid-19, em que o processo grupal se tornou relevante para lidar com o sofrimento individual e coletivo. A oferta de grupos foi realizada de forma virtual por profissionais, servidores e estudantes da Universidade de Brasília (UnB). O processo grupal foi analisado pelas lentes da Teoria Bioecológica. Os participantes reconheceram o grupo como um microsistema legítimo para a vivência do luto e, nos encontros, observou-se a atuação sinérgica da pessoa, dos contextos e do tempo na forma como os processos proximais se estabeleceram tanto para os membros do grupo como para os facilitadores. Foram apontadas a relevância social e científica dessa iniciativa de resposta a demandas psicossociais na pandemia, bem como ações de inserção nas políticas públicas foram descritas como propostas futuras incluídas e pactuadas na agenda social.

Palavras-chave: luto, processos grupais, teoria bioecológica, desenvolvimento

Abstract

This article presents an experience report on groups with people mourning the loss of family members who were victims of COVID-19, in which the group process became relevant to deal with individual and collective suffering. The group offering was carried out virtually by professionals, employees, and students from the University of Brasília (UnB). The group process was analyzed through the lens of Bioecological Theory. Participants recognized the group as a legitimate microsystem for experiencing grief, and in the meetings, and the synergistic action of person, context, and time was observed in a way in which proximal processes were established for group members and other facilitators. The social and scientific relevance of this initiative responding to psychosocial demands during the pandemic was highlighted, and insertion actions in public policies were described as future proposals included and agreed on in the social agenda.

Keywords: mourning, group processes, bioecological theory, development

Resumen

Este artículo presenta un informe de experiencia sobre grupos con personas en proceso de duelo por la pérdida de familiares víctimas de Covid-19, en que el proceso grupal se convirtió relevante para lidiar con el sufrimiento individual y colectivo. La oferta de grupos fue realizada de forma virtual por profesionales, servidores y estudiantes de la Universidad de Brasília (UnB). El proceso grupal fue analizado por las lentes de la Teoría Bioecológica. Los participantes reconocieron el grupo como un microsistema legítimo para la experiencia del duelo y, en los encuentros, se observó la actuación sinérgica de la persona, de los contextos y del tiempo en la manera como los procesos proximales fueron establecidos tanto para los miembros del grupo como para los facilitadores. Fueron indicadas la relevancia social y académica de esta iniciativa de respuesta a las demandas psicosociales en la pandemia, como también de acciones de inserción en las políticas públicas fueron descritas como futuras propuestas incluidas y pactadas en la agenda social.

Palabras clave: luto, procesos grupales, teoría bioecológica, desarrollo

Résumé

Cet article présente un rapport d'expérience sur des groupes composés de personnes endeuillées suite à la perte de membres de leur famille, victimes du COVID-19. Dans ce cadre, le processus de groupe est devenu pertinent pour faire face à la souffrance individuelle et collective. L'offre des groupes a été réalisée virtuellement par des professionnels, des fonctionnaires, et des étudiants de l'Université de Brasília (UnB). Le processus de groupe a été analysé à travers le prisme de la Théorie Bioécologique. Les participants ont reconnu le groupe comme un microsystème légitime pour l'expérience du deuil. Dans les réunions, l'action synergique des individus, des contextes et du temps a été observée, manifestant la manière dont les processus proximaux ont été établis, tant pour les membres du groupe que pour les facilitateurs. La pertinence sociale et non scientifique de cette initiative pour répondre aux demandes psychosociales de la pandémie a été rappelée, ainsi que les actions d'insertion dans les politiques publiques ont été décrites comme des propositions futures incluses et convenues dans l'agenda social.

Mots-clés: deuil, processus de groupe, théorie bioécologique, développement

O processo de luto promove impactos bastante significativos no desenvolvimento de famílias e indivíduos. A morte ainda é um assunto cercado de tabus e não faz parte das conversas e discussões cotidianas, o que costuma dificultar a percepção da finitude humana (Lordello & Silva, 2021; Rente & Merhy, 2020). Em geral, as pessoas não se preparam ou não esperam passar por essa experiência, embora a morte seja algo inerente a todos os seres vivos.

A morte pode ser compreendida como o rompimento de um vínculo importante e significativo com a pessoa que faleceu. Franco (2021) indica que esse rompimento pode resultar em vivências bastante específicas e que o luto se refere a um processo que permite a construção de significados diante dessa interrupção. Assim, de acordo com a autora, o luto é em si um processo – e, portanto, dinâmico – e precisa ser contextualizado, uma vez que essa ressignificação é permeada e impactada por aspectos culturais diversos. É comum que se compreenda a morte como o fim desse vínculo, no entanto, abordagens contemporâneas têm indicado que o falecimento de um ente querido pode não significar a perda dessa conexão, mas uma outra forma de vivenciá-la a partir do reconhecimento de sua morte (Lordello & Silva, 2021; Franco, 2021).

O luto discutido neste artigo enquadra-se no contexto da pandemia de covid-19, a qual teve seu início na China, em dezembro de 2019 (Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ], 2020) e se disseminou mundialmente. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a considerar a crise sanitária como uma pandemia (World Health Organization [WHO], 2020), mesmo período em que no Brasil os impactos tornaram-se mais evidentes e as medidas de cuidado e prevenção passaram a ser discutidas e implementadas (Silva et al., 2020). Até o mês de setembro de 2022, foram registradas no país mais de 685.000 mortes. Esse quadro de crise pandêmica gerou impactos diversos: desemprego e inseguranças socioeconômicas, mudanças nas dinâmicas e convívio familiar, fragilização da rede de apoio em razão do distanciamento social, impactos na saúde física e mental e perda de pessoas queridas, reverberando em um intenso processo de luto individual e coletivo (Crepaldi et al., 2020; Silva et al., 2020).

Diante desses impactos, a pandemia de covid-19 evidenciou a necessidade de olhar para o luto de forma multidimensional. Além do trágico número de mortes ocasionadas pela doença no país, as medidas sanitárias, indiscutivelmente necessárias no combate ao contágio, impediram os tradicionais rituais que materializavam a morte e que permitiam a expressão de afeto por parte da rede de apoio, de forma presencial. Uma das recomendações mais importantes para reduzir os riscos de expansão

do vírus foi o distanciamento social, o qual dificultou a comunicação entre familiares doentes e saudáveis, que passou a ser feita por meios tecnológicos (Crepaldi et al., 2020; Franco, 2021; Ingravallo, 2020). Outra questão que pode dificultar a vivência do processo de luto nesse período é a impossibilidade de realização de práticas tradicionais de funeral e despedida que estão, por hora, interditas ou muito reduzidas (Crepaldi et al., 2020; Fiocruz, 2020; Franco, 2021; Wallace et al., 2020). Celebrações, homenagens e rituais de despedida que são elementos presentes na experiência de luto em nossa cultura precisaram ser reinventados neste tempo de pandemia. As redes virtuais figuram como alternativa para expressar sentimentos e compartilhar memórias sobre o ente querido, permitindo minimamente a vivência coletiva dessa experiência (Franco, 2021).

Além de inviabilizar o contato presencial com a rede de apoio tão necessária nesse momento, a não realização de ritos de acordo com a tradição cultural pode potencializar sensações de angústia por indicar que a pessoa falecida não recebeu o tratamento merecido ao final de sua vida (Crepaldi et al., 2020; Silva et al., 2020). Desse modo, são diversos os desafios e fatores estressantes que surgem e passam a demandar atenção e cuidados de saúde mental.

A vivência de sentimentos, como a culpa, a raiva ou a tristeza, também pode se manifestar nos familiares enlutados nesse momento. Esses sentimentos podem ser amplificados diante da possibilidade de imaginarem que foram responsáveis pelo contágio, ao agir tardiamente para levar o doente ao hospital, ou qualquer outro motivo que provocasse essa sensação. Além disso, aspectos como a rápida disseminação e a evolução da doença resultando em perdas inesperadas ou o falecimento de mais de uma pessoa na mesma família também devem ser foco de atenção (Diolaiuti et al., 2021; Wallace et al., 2020).

Lidar com processos de luto exige observação de diversos aspectos culturais, sociais e políticos. É necessário construir estratégias contextualizadas. No cenário pandêmico, as desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira ficaram ainda mais evidentes e resultam também em diferentes experiências marcadas pelas dificuldades de acesso a políticas públicas, em especial, de saúde, dificuldades de manter o distanciamento social, com habitações muito restritas e dificuldades de acesso à renda (Silva et al., 2020). Essas são também questões que devem ser observadas nas vivências de perdas e luto durante esse período.

Diante de tantos desafios e dos possíveis impactos à saúde mental e ao desenvolvimento, é importante a construção e a implementação de ações para lidar com tais situações e suas repercussões psicossociais (Fiocruz, 2020). Esse panorama demandou uma atuação de profissionais de psicologia com foco no apoio psicossocial e no manejo de situações de crise. Algumas das intervenções importantes nesse contexto foram a oferta de informações e atenção aos estressores ligados à doença, escuta qualificada e um trabalho com a identificação da rede de apoio significativa. Os sintomas de ansiedade e estresse gerados pelo contexto de crise também foram contemplados na atuação psicológica para lidarem com sofrimentos severos ocasionados pelo diagnóstico da doença, hospitalização e perda de pessoas próximas (Crepaldi et al., 2020).

Uma intervenção psicológica específica derivada da pandemia envolveu o atendimento a pessoas enlutadas. É importante recordar que o luto é um processo, sua vivência é dinâmica e fluída. Esse processo pressupõe movimento e elaboração, com experiências singulares, sem sequências normatizadas ou rígidas (Crepaldi et al., 2020; Franco, 2021). Assim, espaços que promovam rituais alternativos, acolhida e fortalecimento das redes socioafetivas são relevantes para o trabalho com familiares em luto ocasionado pela perda de pessoas da rede significativa em decorrência dessa pandemia. A realização de grupos baseados em escuta empática e comprometida que permita a expressão de sentimentos e pensamentos que geralmente são evitados ou julgados pode ser benéfica por permitir o compartilhamento de histórias, estratégias para lidar com a perda e estimular a sensação de pertencimento (Diolaiuti et al., 2021; Pascoal, 2012; Rente & Merhy, 2020).

Com intuito de compreender de forma contextual essas vivências de perda, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) será adotada como referencial capaz de captar a complexidade dos processos envolvidos na elaboração desse luto. Assim, o objetivo deste artigo é relatar a experiência sobre grupos com pessoas enlutadas pela perda de familiares vítimas da covid-19, cujo processo grupal, de seis encontros destinados a discutir o tema, foi analisado pelas lentes da TBDH.

A Teoria Bioecológica como Lente Teórica

A morte é uma experiência inerente ao ser humano. Dentro de seu desenvolvimento ao longo do tempo, entrar em contato com a finitude e vivenciar a perda de pessoas significativas são processos indelegáveis. A TBDH nos permite analisar o fenômeno no contexto no qual ocorre, a partir de uma perspectiva que integra a pessoa, o processo, o contexto e o tempo, dimensões que Bronfenbrenner e Evans (2000) destacaram no momento em que revisaram a teoria.

A partir dessa ótica, a TBDH é fundamental para entender o luto vivido na pandemia e analisar o processo grupal com os enlutados. A centralidade que Bronfenbrenner confere aos processos proximais permite caracterizá-los como principais mecanismos de desenvolvimento e, para isso, devem contar com cinco condições: engajamento em atividade, interações recíprocas, interação regular no tempo, atividades progressivamente mais complexas e objetos e símbolos que permitam exploração, manipulação e imaginação. Além dessas condições, os processos proximais são dinâmicos, pois ocorrem em

função da pessoa e dos contextos (Bronfenbrenner, 2011; Rosa & Tudge, 2017). Os processos proximais podem promover competências e minimizar disfunções, mas não estabelecem isso a priori. Competências e disfunções devem ser compreendidas no interior de suas realidades. Os processos de luto de pessoas que perderam familiares para a covid-19, por exemplo, podem remeter à disfuncionalidade, relacionando-se à intensa dor da perda nesse contexto. Mas os processos cotidianos, nos quais os enlutados se envolvem, nos diferentes sistemas que estão inseridos, podem não só minimizar os efeitos adversos dessa vivência como potencializar os recursos e as competências para que seja possível lidar com essa perda, o que é a hipótese do trabalho terapêutico que será relatado neste artigo.

Analisar os sistemas nos quais os enlutados estão inseridos é essencial para uma compreensão contextual do luto e seu papel no desenvolvimento humano. Mapear a inserção das pessoas enlutadas nos contextos permite um olhar propositivo sobre as interações. Quais seriam os ambientes imediatos, nos quais a pessoa estabelece relações interpessoais? Ao falar da pandemia, é importante incluir os microssistemas virtuais, pois se tornaram tão legítimos quanto os presenciais em virtude das medidas sanitárias. Importa também mapear o mesossistema, que é o conjunto dos microssistemas e as interações entre eles, e o exossistema, que é ambiente no qual a pessoa não participa ativamente, mas apresenta influência sobre seu desenvolvimento. O macrosistema, que corresponde à cultura, os valores, as crenças e as ideologias que compõem o cenário mais abrangente que envolve todas as interações, é fundamental para o entendimento de suas repercussões desenvolvimentais. Basta pensar que o luto por covid-19 é um luto que se insere em uma realidade mundial e que tem relação direta com o momento político, as questões de acesso às medidas de prevenção do contágio, as decisões governamentais, as políticas sociais vigentes, os insumos para ciência, as crenças e valores conferidos a esses aspectos. Enfim, a análise macrosistêmica guarda uma significativa relevância na compreensão do processo de luto dessas pessoas e da coletividade.

Ao apresentar o elemento pessoa, em sua teoria, Bronfenbrenner (2011) analisa o papel ativo que assume em seu próprio desenvolvimento e que, por meio de suas características, dão movimento aos processos proximais. Isso se dará por meio dos recursos biopsicológicos, disposições e demandas. Ao considerarmos as pessoas que procuram se inserir no grupo de enlutados, a observação dos aprendizados, habilidades e conhecimentos, as disposições como forças geradoras dos processos e a capacidade de encorajar interações no ambiente são elementos muito importantes para promover processos e resultados no desenvolvimento. Para Bronfenbrenner e Ceci (1994), o tempo é outro conceito fundamental, pois é sensível às mudanças e permanências e pode ser analisado em três níveis: o microtempo, focado nos processos microgenéticos que ocorrem nos microssistemas; o mesotempo, com intervalos maiores como dias e semanas; e o macrotempo, que inclui mudanças geracionais e transições históricas.

Convite aos Enlutados para Formar um Grupo: Nasce um Novo Microssistema

A experiência que vamos relatar se baseia em uma iniciativa do Subcomitê de Saúde Mental e Apoio Psicossocial da Diretora de Atenção à Saúde Mental da Comunidade Universitária (DASU) da Universidade de Brasília (UnB), que desenvolveu várias ações de promoção da saúde mental, serviços de apoio psicossocial e articulação de redes e parceria para o enfrentamento da pandemia. A UNB organizou, em junho de 2020, a primeira oferta de grupos terapêuticos para pessoas que perderam seus familiares (pai, mãe, cônjuges, filhos, avós e sobrinhos) para a covid-19. Os grupos eram compostos por 15 participantes e foram inscritas, nessa ocasião, pessoas residentes em diferentes regiões do país. A divulgação se deu por meio de redes sociais (Instagram e WhatsApp), imprensa local e no site da UnB. Em meses posteriores, foram realizadas duas novas ofertas de acordo com a demanda crescente diante do aumento de óbitos. No total, 11 grupos foram ofertados em três edições, entre junho de 2020 e junho de 2021.

A metodologia das sessões grupais foi construída por Lordello e Silva (2021) e baseou-se no referencial da Terapia Narrativa de White e Epston (1990). O direcionamento específico para participantes enlutados que perderam seus familiares para a covid-19 foi sistematizado pelas autoras e será descrito posteriormente. O trabalho foi composto por seis sessões, tendo cada uma delas a duração de cerca de duas horas.

A proposta visava proporcionar um espaço onde os participantes narravam suas histórias e podiam ressignificar o momento de perda, ao externar suas dores, sem julgamentos ou prescrições. Estimulava-se a reconexão com o legado da pessoa que partiu, resgatando suas memórias, além dos conteúdos de redes, recursos e projetos futuros. Os grupos foram conduzidos de forma on-line, utilizando-se plataforma de videoconferência, por duas psicólogas em coterapia e uma estagiária de graduação. Para o suporte das facilitadoras, foram realizadas intervenções em uma modalidade de pré-sessão e pós-sessão, conduzidas por professoras/especialistas, além de supervisão remota ao vivo caso houvesse necessidade da equipe de coterapeutas. Para a realização do grupo, foram adotados cuidados éticos, tais como: local que garantisse sigilo mediante uso de fones de ouvido, observância das diretrizes previstas para o atendimento on-line conforme o Código de Ética Profissional do Psicólogo (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2005), a Resolução nº 11 de 2018 e a Resolução nº 04 do CFP.

O êxito do trabalho levou à proposição de nova oferta de grupos em disciplina da pós-graduação, bem como ações de

extensão voltadas à capacitação de profissionais de saúde pública para que, em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal, multiplicassem a metodologia aplicada. Essas iniciativas ampliaram muito a oferta de vagas e não serão descritas aqui por se encontrarem em pleno processo de execução no momento de escrita desse artigo.

Posteriormente, e assim que se organizava o grupo, os coterapeutas entravam em contato com os inscritos, confirmavam o interesse e esclareciam dúvidas conforme o caso. Nesse primeiro contato, avaliava-se com a pessoa se ela estaria confortável em expressar seus sentimentos no coletivo e esclarecia-se a proposta terapêutica. Foi levado em consideração o momento de luto de cada inscrito. Cada participante teve a oportunidade de avaliar, nos primeiros encontros, sua permanência ou não no grupo. Houve participantes que não prosseguiram em virtude de conciliação de horário ou de impossibilidade de trocas coletivas no momento do luto em que se encontravam. Além disso, algumas pessoas não participaram de todos os encontros em razão de providências relativas ao luto, como realização de inventário, recebimento de pertences da pessoa falecida, operações envolvendo patrimônio, entre outras. Assim, cada grupo foi composto por uma média de oito a 12 participantes que se engajaram na proposta de grupo com seis sessões. Aqui observamos claramente as características da pessoa, as quais Bronfenbrenner (2011) alerta como necessárias à movimentação dos processos proximais. Sem dúvida, os recursos biopsicológicos, como habilidades e conhecimentos, e a disposição, reconhecendo forças geradoras ou inibidoras para adentrar na proposta, foram nitidamente descritos pelos participantes. Alguns relatos mencionavam o quanto falar da morte ainda era difícil mesmo que houvesse essa necessidade, e outros diziam que ouvir relatos dos demais integrantes era pesado, mesmo entendendo que aquele era um jeito muito solidário de saber que não estavam sozinhos no enfrentamento dessa dor.

As pessoas que participaram dos encontros agradeciam a oportunidade de viver um luto menos solitário e também rapidamente reconheciam a importância desse espaço (novo microsistema) como um dos recursos mais válidos para seu processo de lidar com a dor. Foram temáticas abordadas nas sessões grupais: acolhida e contrato grupal; narrativas sobre a perda; recursos e estratégias para enfrentamento do luto, lembranças e histórias do familiar falecido; redes de apoio e projetos futuros. Esses conteúdos, permitiram que o mesossistema dos participantes fosse tema das narrativas, sempre destacando a relação do grupo com outros sistemas como casa, trabalho, universidade, igreja, ambientes de lazer, esporte e os diversos outros espaços nos quais estavam inseridos.

Uma análise pela TBDH permite afirmar que a intenção desse trabalho com grupos era ofertar a essas pessoas um novo microsistema que pudesse se constituir em um espaço virtual dialógico, diante do isolamento e dos rituais de despedida e materialização da morte impedidos pela crise sanitária. De acordo com Luna (2020), intervenções que trabalham o processo de luto em contexto grupal, ao promoverem espaço de partilha das vivências de luto da pessoa em sofrimento, tornam a experiência menos individualizada e, portanto, diminui-se o isolamento social e ampliam-se ressonâncias de estratégias para o enfrentamento do luto.

O Macrossistema e a Crise Sanitária Global: Situando o Grupo nesse Contexto e seus Efeitos

A pandemia de covid-19 descortinou um cenário mundial de vulnerabilidades, e a esfera macrossistêmica, no qual esse fenômeno se inseriu, permitindo diferentes observações. Uma das principais diz respeito à forma como as nações lidaram com o combate e o enfrentamento à doença, bem como as estratégias de manejo da crise a partir de investimentos na ciência e postura dos tomadores de decisões.

No cenário nacional, essas análises foram encontradas com frequência nas narrativas dos participantes dos grupos de enlutados. Por representarem familiares que se envolveram no processo como cuidadores de quem contraiu a doença, a análise macrossistêmica esteve presente na maior parte dos relatos na forma de indignações sobre a morte evitável que testemunharam. Os participantes trouxeram, em seus relatos, tristeza e decepção com atitudes negacionistas e posturas de líderes, que foram decisivas para que o número de óbitos no país ultrapassasse os 650 mil. Atrasos nos planos de imunização da população, irregularidades na aquisição de vacinas, bem como falta de insumos e reduzidos investimentos no sistema público de saúde também foram conteúdos recorrentes nas expressões dos enlutados.

Esses aspectos encontram ressonância nas análises de Silva et al. (2020), as quais afirmam que as famílias brasileiras enfrentaram dissonâncias entre orientações formuladas pelas organizações de saúde, nacionais e internacionais, e esferas governamentais locais que contribuíram para influenciar atitudes em todos os sistemas.

As pessoas no Grupo e suas Características: Movimentando os Processos Proximais

As pessoas que integravam o grupo de enlutados seguiam o critério de inscrição por horário de conveniência. Dessa forma, os grupos foram organizados contendo grande diversidade quanto aos aspectos etários, de gênero, de região e também de grau de parentesco com o familiar falecido. Tal composição favoreceu grupos caracterizados por expressivo dinamismo e variedade de repertórios. Além disso, o movimento de procurar ajuda e de se inscrever em uma iniciativa dessa natureza,

em um momento no qual a paralisia pode ser comum, confirmou o papel ativo da pessoa em busca de seu desenvolvimento, conforme preconizava Bronfenbrenner (1999).

Bronfenbrenner (2001) confere à pessoa uma análise de suas características em três dimensões: forças, recursos e demandas. Como elas são capazes de promover ou inibir o desenvolvimento, Bronfenbrenner e Morris (2006) alertam sobre o fato de não serem estáticas. Ainda que possam ser hereditárias, as características das pessoas podem decorrer das interações com os contextos ou serem resultados dos processos proximais.

Nos grupos de enlutados, percebeu-se cada uma das dimensões, embora não de forma estanque, mas integrada. Os participantes que se engajaram no grupo ilustraram suas características de força generativa quando apresentaram comportamentos ativos para atuarem como promotores de desenvolvimento. Apesar de toda a dor e dos conteúdos mobilizadores de sofrimento, essas pessoas foram capazes de interagir com o ambiente e engajar-se em atividades com pessoas, objetos e símbolos. Orientações ativas, como curiosidade, tendência para empenhar-se em atividades individuais e coletivas, responsividade, capacidade para delinear ações propositivas, e vários outros exemplos podem ser ilustrados pelas posturas dos participantes dos grupos. Embora as forças inibidoras dos processos proximais tenham sido também mencionadas pelos participantes em virtude da forma como o traumático curso da doença levou à letalidade seu ente querido, isso não impediu que as posturas que exibiam forças generativas predomassem a partir da entrada no grupo.

O grupo trouxe a oportunidade para que os recursos de natureza biopsicológica fossem revelados em sua máxima potencialidade, pois as perguntas disparadoras das sessões permitiam que a troca dos aprendizados fosse maximizada. As características de recurso englobam experiências, habilidades, conhecimentos e capacidades que estão utilizados na elaboração desta difícil situação que é o luto. Tais recursos são essenciais no enfrentamento do luto porque a vivência dessa situação requer uma resignificação do que já se havia construído, mas, da mesma forma, exigirá uma ampliação desse repertório. Assim, um grupo que reuniu pessoas tão diversas mostrou o quanto a inspiração de outros modelos, estratégias e conhecimentos apresentados por outros integrantes permitiu essa ampliação da visão de seus próprios recursos e a resignificação dos seus próprios processos de luto.

As características de demandas correspondem a atributos pessoais capazes de estimular reações do ambiente social imediato, seja de encorajamento ou rejeição. Como o ambiente interage com as características da pessoa, como sexo, gênero, idade e etnia (Bronfenbrenner & Morris, 2006) são exemplos desse conceito. No grupo de pessoas que perderam seus familiares para a covid-19, por se tratar de um microsistema que se deu de forma totalmente on-line, foi muito surpreendente a ideia de que as interações se estabeleceram com intensidade e vinculação. E que mesmo por meio das telas, os atributos pessoais podem estimular reações de muita responsividade no campo das interações, nas falas dos participantes, os quais relataram que as narrativas dos demais integrantes do grupo ressoaram e contribuíram para se pensar em estratégias a fim de lidarem com o sofrimento.

Processos Proximais e Resultados Desenvolvimentais: Quando o Grupo Transforma e é Transformado

O grande diferencial da TBDH é que os processos proximais são sinergicamente influenciados pelas características da pessoa em desenvolvimento, pelos contextos, pelos resultados do desenvolvimento e pelo tempo. Entendendo que não há uma separação entre esses elementos, a proposição de um grupo de pessoas enlutadas ilustra a interação desses aspectos na prática do grupo.

No caso do luto por covid-19, os relatos dos participantes sinalizavam o luto solitário, cujos rituais impedidos pelas medidas sanitárias se sobrepunham a uma dor lancinante pelo rápido agravamento que levou ao óbito do familiar, sem permitir despedidas. Ao reunir pessoas que passaram pela mesma dor, ao longo de seis sessões semanais, com tarefas gradativamente mais complexas com relação aos diálogos sobre o luto, a intenção era estruturar um novo microsistema que favorecesse a ocorrência de processos proximais. Neste caso, processos proximais que pudessem promover efeitos de competências e diminuir impactos disfuncionais no desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

As sessões foram delineadas em temáticas específicas, conforme modelo de Lordello e Silva (2021), as quais descrevem em detalhes as técnicas da Terapia Narrativa para a metodologia utilizada pelos grupos de enlutados, e que serão brevemente descritos a seguir para ilustrar os processos proximais. A primeira sessão apresenta a proposta de um espaço dialógico preparado para acolher a emocionalidade dos enlutados em suas expressões. Como um novo microsistema, o modelo on-line desafia a vinculação no espaço virtual. Após acordos do funcionamento grupal, os participantes se apresentam e relatam como lidaram com o processo de acompanhamento do familiar desde o início da doença até o óbito. São conteúdos que expressam extrema dor, culpa, impotência e que mobilizam os demais integrantes que, muitas vezes, identificam-se com as vivências dos outros membros.

Na segunda sessão, os participantes são encorajados a pensar em suas redes, percebendo com quem puderam contar. Embora

algumas pessoas se sintam encorajadas a verbalizar ainda suas vivências, relatos sobre suportes diversos são mencionados, como pessoas e comunidade, a forma como estão buscando esse apoio e se estão conseguindo formular esse pedido. O grupo também expressa com frequência o quanto alguns de seus membros têm feito esse papel de apoio, por promover identificações com histórias e recursos relatados nesse novo microsistema.

As duas sessões seguintes são dedicadas às conversas que resgatam histórias e depoimentos sobre a pessoa que partiu, as quais são muito significativas para a Terapia Narrativa como recurso para o trabalho com enlutados. A sugestão é que apresentem essas pessoas por meio de fotos, histórias, canções, objetos, textos, enfim, que busquem essa conexão para que, ao contar sobre a pessoa, resgatem memórias afetivas que transmitam também valores e legados que permanecem em suas identidades. Os membros do grupo mostram grande motivação por partilhar essas narrativas com os outros participantes e o fazem com muita emoção. A tarefa vai se complexificando na medida em que essa recuperação dos legados permite ir além de uma visão passiva das contribuições da pessoa falecida, mas inclui a análise do quanto as transformações no desenvolvimento foram bidirecionais e que o participante também deixou legados para quem partiu. Além disso, os participantes mencionam quantas inspirações e reflexões as histórias alheias propiciaram em suas próprias vidas.

As duas últimas sessões promovem um olhar mais prospectivo sobre recursos aprendidos no grupo e a reflexão sobre a revitalização dos projetos de vida. Essas sessões finais mostram a coesão grupal e as conclusões sobre a complexidade do processo de luto, permitindo reflexões muito profundas sobre o quanto isso não se dá de forma linear ou com tempos e manifestações determinadas. A última sessão tem caráter de fechamento e avaliação. É um encontro no qual as pessoas revisitam a forma como chegaram ao grupo e como se desenvolveram ao longo dessas semanas. A sexta sessão permite recuperar esses passos que foram dados coletivamente e nomear ferramentas e habilidades construídas para lidar com essa perda. Finalizamos a sexta sessão solicitando que avaliem como se sentiram neste grupo, e o destaque nas respostas é como os membros se sentiram afetados pelas histórias alheias e quantas aprendizagens interpessoais foram inestimáveis, combatendo a imagem de luto solitário que viviam até então. Muitos grupos se perpetuam, por desejo e iniciativa dos membros, mantendo contato por redes informais constituídas a partir desse momento final e também são acordados monitoramentos espaçados para que encontros futuros possam manter os vínculos construídos.

Em uma análise bioecológica, é possível notar que as pessoas se engajaram nas atividades, pelo período regular de tempo das sessões, expondo-se à gradação complexa dos desafios, com pessoas, objetos e símbolos que estimulavam a atenção e com relações recíprocas, cumprindo as condições para o estabelecimento de processos proximais que ocorreram no novo microsistema que passaram a frequentar. Em registros dos participantes, as narrativas demonstram o olhar retrospectivo do processo reconhecendo as transformações:

Perdi minha mãe para o covid-19 em junho, e, desde então, minha vida deu um giro de 360° para pior. Vi todo meu ânimo, alegria e vontade de viver ir embora junto com a minha mãe. O grupo dos enlutados foi fundamental... Foi um encontro lindo de pessoas que estavam ali com o mesmo propósito que eu, com as mesmas tristezas, angústias, quantas coincidências compartilhamos. Não consigo imaginar como eu estaria hoje se não fosse esse grupo e a força que ele me deu para superar dia após dia. Eu diria e digo a todas as pessoas que conheço o quanto esse grupo me ajudou e o quanto foi fundamental para que pudéssemos nos unir, desabafar, expressar toda a nossa dor e falar um pouco de nossos entes queridos. Espero que essa iniciativa possa atingir mais e mais pessoas, pois nosso luto é muito solitário, nossa perda é muito mais difícil de aceitar. (P1)

Nas avaliações finais do grupo, notou-se que os participantes reconheceram processos transformadores durante esse período, embora não haja uma romantização em torno de uma fantasiosa resolução do luto. Como um processo, suas oscilações fazem parte dessa visão sugestiva de que os processos proximais promoveram efeitos de competência, a partir dos recursos ampliados que o grupo proporcionou para o enfrentamento dessa ausência e para a revitalização de projetos de vida.

Quando nos deparamos com o falecimento de alguém que amamos, é até difícil saber por onde começar, porque os sentimentos e os pensamentos se perdem. Aí chegaram vocês, com todo profissionalismo e cuidado, nos ajudando a extrair de nós mesmos o que realmente tem sentido e significado nesse processo. Ouvir também às histórias e às emoções dos outros companheiros de jornada foi de extrema importância, me ajudou a dimensionar a minha dor e mais ainda, ver quantas histórias lindas de amor verdadeiro e de transformações pude ver. Sem dúvida, o trabalho de vocês e esse projeto estão sendo um divisor de águas na vida de muitas pessoas que estão enfrentando o luto, tal qual foi para mim. (P2)

Os Facilitadores e seus Processos Proximais: O Desenvolvimento de Si

As transformações desenvolvimentais percebidas nos participantes não foram exclusividade das pessoas enlutadas que estiveram nos grupos. Quem exerceu o papel de facilitador nesse novo microsistema relatou o desenvolvimento de habilidades, potencialidades e recursos que foram sendo gradativamente observados ao longo dos encontros. O reconhecimento de que facilitar o grupo gerou resultados desenvolvimentais de competência foi conteúdo amplamente mencionado nas sessões

de intervenção, quando cada facilitador partilhava sua experiência e, em troca, eram sanadas dúvidas, partilhados desafios e celebradas conquistas. É nessa relação recíproca de complexidade própria dos processos proximais (Bronfenbrenner, 2011) que a identidade, o vínculo e desenvolvimento grupal acontecem e que os facilitadores também vão constituindo suas identidades e competências no manejo dos grupos.

Conforme relatos dos facilitadores nas intervenções de conclusão do grupo eram presentes, o reconhecimento das competências – que essa interação marcada pelo engajamento e reciprocidade dos vínculos – permitia desenvolver, como mostra a seguinte avaliação:

Participar do grupo como facilitadora em um papel ativo de escuta e condução do processo foi enriquecedor, pois ampliou recursos e habilidades socioemocionais diante de um contexto tão complexo e sensível que é o trabalho com grupo de enlutados. (F1)

Habilidades socioemocionais e reconhecimento das próprias vulnerabilidades foram aspectos fortes destacados pelos facilitadores como potências do desenvolvimento de si. Esses relatos se ampliam em um contexto em que a vivência de luto é coletiva e mobiliza todos os participantes que interagem ativamente no contexto grupal. Nesse sentido, relatos das perdas trazem mudanças e sensibilizam a todos, inclusive os facilitadores, e refletem momentos de perdas pessoais de cada facilitador ou vivências de dor próprias do enfrentamento individual e coletivo da crise sanitária. A identificação dessa fragilidade por parte dos facilitadores trouxe registros de uma reciprocidade, reconhecendo genuinamente a dor do outro e comprometendo-se com a construção de um espaço que gerasse acolhida e bem-estar aos participantes do grupo:

Quando reconheci minha vulnerabilidade e falei de algumas emoções que os relatos suscitaram, inclusive em mim, senti que isso trouxe uma sensibilidade para o momento vivido, abrindo espaço para que o grupo fosse esse lugar onde o choro é permitido e todas as emoções são acolhidas. (F2)

Nunca é possível mensurar processos proximais de cada facilitador considerando, sobretudo, que depende das características de cada pessoa, do tempo e da relação singular dessa com o contexto, conforme aponta Bronfenbrenner (2011). Todavia, pelas narrativas trazidas ao longo das intervenções, foi notável o ganho de habilidades e de recursos para o manejo de grupos on-line no contexto de luto. Além disso, as experiências singulares dos facilitadores e dos participantes e a metodologia com foco no narrado, de forma não rígida, deram espaço a trocas com respostas de acolhida e envolvimento para uma escuta empática e sensível, oportunizando transformações recíprocas.

O Tempo do Grupo e as Mudanças Observadas

Bronfenbrenner e Morris (2006) estabelecem o tempo como elemento intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento. Caracterizar processos de luto em um tempo histórico de pandemia é essencial para a compreensão do macrotempo, uma vez que ele se relaciona aos eventos ocorridos na cultura. A covid-19 e tudo o que essa doença provocou de transformações em nível mundial marcarão o macrotempo no que se refere às mudanças geracionais que modificaram o cenário global.

O mesotempo refere-se a acontecimentos ocorridos em espaços de tempo com intervalos de dias ou semanas, e é onde se pode localizar o grupo de enlutados. As sessões semanais e os percursos em seis semanas, nos quais os participantes reconheceram permanências e mudanças em seus processos de lidar com o luto, apontam a relação inequívoca do mesotempo com os processos proximais. O microtempo também pode ser observado nas sessões, pois os próprios participantes enumeram pequenas transformações em suas percepções e processos entre o início e o final das sessões.

Considerações Finais

A proposta de atuar com grupos de enlutados, cuja leitura dos processos que se fizeram presentes nos encontros tenha uma lente desenvolvimentista pela ótica da TBDH, apresenta grande relevância social e científica por constituir alternativas para lidar com o luto, acolhendo sua dinamicidade e diversidade ao indicar possibilidades de resposta diante de um momento tão complexo, contexto que tem agravado as reações e impactos diante das numerosas perdas. Em tempos de crise sanitária de proporção global, construir propostas em saúde mental em atenção a demandas psicossociais é um desafio imensurável pelo seu ineditismo e pela delicadeza de um tema como o luto. Se tais iniciativas não consideram a complexidade desse processo, correm o risco de se tornarem prescrições restritivas do que fazer ou evitar, trazendo um caráter determinista e universalista a vivências tão particulares.

Observar o desenvolvimento-em-contexto dos processos proximais presentes em facilitadores e participantes permitiu um intenso compartilhamento e gerou novos desafios. Compreendemos, então, que trabalhar com a TBDH com a possibilidade

de promover transformações no macrossistema viabiliza insumos para a execução de políticas públicas. E, ainda, que a oferta de três edições de grupos de enlutados no âmbito da UNB gerou um novo momento na agenda social: a transferência dessa tecnologia social para os profissionais da saúde pública, por meio de um curso de extensão para a Secretaria de Estado de Saúde, com o intuito de incorporar em suas práticas essa proposta de intervenção psicossocial e assim ampliar a oferta de vagas e formar novos multiplicadores.

Compreende-se, portanto, que nesse momento de tanto desinvestimento nos equipamentos sociais, essa ação de parceria da Universidade tem mostrado um relevante impacto neste cenário tão sofrido.

Referências

- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedmann, & T. D. Wacks (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3-28). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10317-001>
- Bronfenbrenner, U. (2001). A teoria bioecológica do desenvolvimento humano. In N. Smelser, & P. Baltes (Eds.), *Enciclopédia internacional das ciências sociais e comportamentais* (pp. 6963-6970). Pergamon Press/Elsevier Science.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. (1994). Nature-Nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568-586. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.101.4.568>
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125. <https://doi.org/10.1111/1467-9507.00114>
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The ecology of developmental processes. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. Lerner, *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (vol.1, pp. 793-826). John Wiley & Sons.
- Resolução nº 04, de 26 de março de 2020. (2020). Dispõe sobre regulamentação de psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e Comunicação durante a pandemia de COVID-19. Conselho Federal de Psicologia. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>
- Resolução nº 11 de 11 de maio de 2018. (2018). Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação. Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>
- Resolução nº 10 de 21 de julho de 2005. (2005). Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>
- Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200090. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>
- Diolaiuti, F., Marazziti, D., Beatino, M. F., Mucci, F., & Pozza, A. (2021). Impact and consequences of COVID-19 pandemic on complicated grief and persistent complex bereavement disorder. *Psychiatry Research*, 300, e113916. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113916>
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Processo de Luto no Contexto da COVID-19*. <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.

- Ingravallo, F. (2020). Death in the era of the COVID-19 pandemic. *The Lancet Public Health*, 5, e258. [https://doi.org/10.1016/S2468-2667\(20\)30079-7](https://doi.org/10.1016/S2468-2667(20)30079-7)
- Lordello, S. R., & Silva, I. M. (2021). The grief elaboration process in the pandemic scenario: A group intervention. In E. Arduman (Ed.), *Anxiety, uncertainty, and resilience during the pandemic period – Anthropological and psychological perspectives* (pp. 1-11). IntechOpen. <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.98837>
- Luna, I. J. (2020). Uma proposta teórico-metodológica para subsidiar a facilitação de grupos reflexivos e de apoio ao luto. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(68), 46-60. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i68.585>
- Pascoal, M. (2012). Trabalho em grupo com enlutados. *Psicologia em Estudo*, 17(4), 725-729. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000400019>
- Rente, M. A. M., & Merhy, E. E. (2020). Luto e não-violência em tempos de pandemia: Precariedade, saúde mental e modos outros de viver. *Psicologia & Sociedade*, 32, e020007. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240329>
- Rosa, E. M., & Tudge, J. (2017). Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: Considerações metodológicas. In A. C. G. Dias, & E. M. Rosa (Eds.), *Metodologia de pesquisa e intervenção com crianças, adolescentes e jovens* (pp. 17-43). Edufes.
- Silva, I. M., Lordello, S. R., Schmidt, B., & Mietto, G. S. de M. (2020). Brazilian families facing the COVID-19 outbreak. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 324-336. <https://doi.org/10.3138/jcfs.51.3-4.008>
- Silva, I. M., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática de terapia de casal e família. *Pensando Famílias*, 24(1), 12-28
- Wallace, C. L., Wladkowski, S. P., Gibson, A., & White, P. (2020). Grief during the COVID-19 pandemic: Considerations for palliative care providers. *Journal of Pain and Symptom Management*, 60(1), e70-e76. <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>
- White, M., & Epston, D. (1990). *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Paidós.
- World Health Organization. (2020). WHO Director-General's opening remarks the media briefing on COVID-19 – 11 March 2020. <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>

Como Citar:

Lordello, S. R., Coelho, A. C. F., & Pinho, A. R. I. (2023). Processos Grupais no Luto por Covid-19: Um olhar sobre o desenvolvimento humano. *Revista Subjetividades*, 23(2), e12948. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23iEsp.1.e12948>

Endereço para correspondência

Silvia Renata Lordello
E-mail: srmlordello@gmail.com

Acileide Cristiane Fernandes Coelho
E-mail: leidecris@gmail.com

Aline Rose Inácio Pinho
E-mail: aline.roses@gmail.com



Recebido: 30.07.2021

Revisado: 29.03.2022

Aceito: 29.09.2022

Publicado: 10.07.2023